

Lista Bibliográfica 3
PSICOLOGIA Ψ
da MEMÓRIA

PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO

Lista Bibliográfica | Psicologia, 3

Apoio ao currículo, 2017

Organizadas por temas relacionados com o programa da disciplina de Psicologia, as *Listas bibliográficas de apoio à disciplina de Psicologia* apresentam dois tipos de recurso:

- documentos livro, áudio e vídeo disponíveis na Biblioteca Escolar Clara Póvoa para consulta presencial e requisição domiciliária
- fontes eletrónicas *online* que podem servir de ponto de partida para explorações / estudos mais aprofundados.

À medida que o fundo documental da BECP se for enriquecendo, estas listas bibliográficas serão atualizadas.

Boas pesquisas!

Série: Psicologia, n.º 3

Seleção: Emília Laranjeira e Lorival Parente

Seleção web: Isabel Bernardo

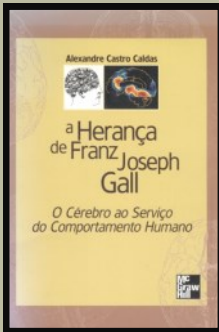
Desenho gráfico: Isabel Bernardo

Paginação: Conceição Sacarrão e Fernanda Cravo

Edição: Biblioteca Escolar Clara Póvoa

Agrupamento de Escolas Lima-de-Faria, Cantanhede, 2017

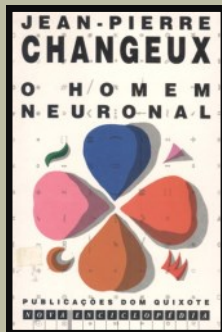




Caldas, Alexandre Castro. (2000).
A herança de Franz Joseph Gall. Lisboa: McGraw-Hill.

Cota: 159.9 CAL | N.º de registo: 9197

As memórias que vamos guardando das nossas experiências são o substrato do pensamento e da imaginação. Sem memórias, não podemos ter atividade intelectual, que, na sua essência, resulta da capacidade de associar registos internos. A aquisição destes registos pode ser feita através de mecanismos de exploração espontânea do mundo – a forma biológica que acompanhou o Homem em toda a sua evolução e que se pode descrever como a reação do organismo às solicitações do mundo que se apresentam com o arranjo próprio das regras do universo. Esta forma de adquirir o conhecimento aproxima os homens entre si, pois as experiências são semelhantes, mas, levada ao extremo, faz depender toda a aculturação das qualidades do próprio, isto é, a tomada de decisão que em cada momento nos orienta não é moldada por um programa cultural, mas sim pela iniciativa individual... (p. 130)



Changeux, Jean-Pierre. (1991).
O homem neuronal. (2.ª ed.). Lisboa: Dom Quixote.

Cota: 159.9 CHA | N.º de registo: 8588

A capacidade do cérebro para produzir e combinar os objetos mentais, conservá-los na memória e comunicá-los, manifesta-se de maneira fulgurante na espécie humana. Sob diversas formas de codificação, estas representações mentais transmite-se de indivíduo para indivíduo e perpetuam-se, ao longo das gerações, sem necessidade de qualquer mutação do material genético. Surge uma nova forma de memória exterior ao indivíduo e ao seu próprio cérebro. Signos e símbolos evocadores de objectos mentais são registados em substratos sem neurónios nem sinapses, tais como a pedra ou a madeira, o papel ou a banda magnética. Estabelece-se uma *tradição cultural*.

Um aspecto notável, já assinalado, do desenvolvimento do encéfalo do Homem é que ele se prolonga durante muito tempo para além do nascimento. O peso, como dissemos, sofre uma quintuplicação até à idade adulta... (p. 243)

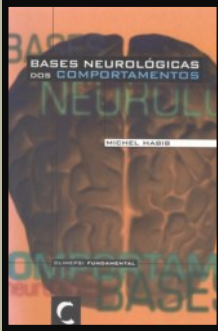


Dubois, Daniel. (1994).
O labirinto da inteligência. Lisboa: Inst. Piaget.

Cota: 159.9 DUB | N.º de registo: 11208

O desenvolvimento da complexidade das capacidades de aprendizagem e de memorização observado ao longo da evolução parece estar ligado à complexidade das ligações entre os neurónios. A abordagem analítica da compreensão da memorização ao nível do elemento do cérebro, ou seja, o neurónio fora do seu encadeamento com os outros não parece ser uma via para a compreensão da memória. Com efeito, não foi possível, a partir dos dados experimentais, evidenciar uma área cerebral onde se possa localizar a memória, como é, por exemplo, o caso da linguagem, da visão, da audição, etc., em relação às quais se conseguiu delimitar áreas bem definidas nos dois hemisférios cerebrais.

Actualmente são propostas duas abordagens. Por um lado, a memória seria codificada sob forma molecular nos neurónios, da mesma maneira que o código... (p. 54)



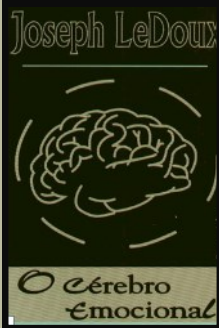
Habib, Michel. (2003).

Bases neurológicas dos comportamentos. Lisboa:
Climepsi.

Cota: 159.9 HAB | N.º de registo: 11205

A distinção, dentro da memória humana, de duas componentes, de longo e de curto prazo, baseia-se em certo número de provas experimentais.

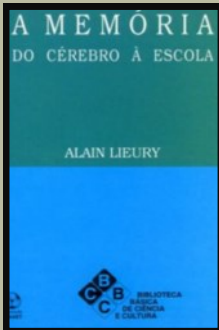
Em indivíduos normais, tarefas de memorização de séries de palavras em recordação livre imediata fazem aparecer um fenómeno muito característico: *o efeito do mais recente*, segundo o qual, entre as palavras da série proposta, são as colocadas no fim da lista que mais facilmente são lembradas. Se, contudo, se introduz entre a apresentação e a recordação um intervalo durante o qual o individuo é submetido a uma tarefa de cálculo mental, então o efeito do mais recente desaparece. Pode deduzir-se que as palavras mais recentes foram retidas num determinado sistema de armazenagem (de curta duração) e as outras num sistema distinto mais estável... (p. 227.)



Ledoux, Joseph. (2000).
O cérebro emocional. Cascais: Pergaminho.

Cota: 159.9 LED | N.º de registo: 12534

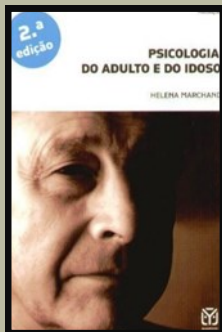
As regiões do processamento sensorial do córtex recebem informações acerca dos acontecimentos externos e criam representações da percepção dos estímulos. Em seguida, estas representações são enviadas para as regiões corticais circundantes, as quais, por sua vez, enviam as representações processadas posteriormente para ao hipocampo. Então, o hipocampo comunica de volta com as regiões circundantes, que comunicam com o neocórtex. A conservação da memória durante pouco tempo (alguns anos) necessita que o sistema da memória do lóbulo temporal permaneça intacto, seja porque as componentes deste sistema armazenem os vestígios da memória ou porque os vestígios permaneçam por meio de interações entre o sistema do lóbulo temporal e o neocórtex. Gradualmente, ao longo dos anos, o hipocampo cede o seu controlo sobre as recordações ao neocórtex, onde estas parecem permanecer, desde que haja memória... (p. 203-205)



Lieury, Alain. (1994).
A memória: do cérebro à escola. Lisboa: Inst. Piaget.

Cota: 159.9 LIE | N.º de registo: 9467

O esquecimento não é, portanto, um fenómeno isolado mas antes a «face oculta» dos processos de memorização. Assim como não há um mecanismo único no caso da memória, também o esquecimento é múltiplo. Pondo de parte o que decorre em certas patologias, o esquecimento é, em grande parte, imputável às dificuldades de recuperação nos módulos de armazenagem e às transformações a que obriga a passagem de módulo para módulo. Assim o reconhecimento da imagem do pintainho será quase perfeita porque a apresentação desta mesma imagem, no decurso do teste, foi desembocar no mesmo módulo de reconhecimento. Em contrapartida, se é uma recordação verbal que é exigida, esta actividade vai necessitar de múltiplas recodificações e transmissões entre os diversos módulos (semântico, lexical e de programação articulatória) para, por fim, permitir a recordação da palavra «pintainho»... (p. 92)

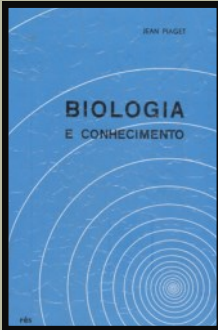


Marchand, Helena. (2005).
Psicologia do adulto e do idoso.(2.ª ed.) Coimbra:
Quarteto.

Cota: 159.9 MAR | N.º de registo: 11251

São inúmeros os estudos que têm analisado as questões da aprendizagem e da memória na vida adulta, muitos deles assinalando declínio destas capacidades com a idade. Revisões da literatura (cf. Craif, 1977, Poon, 1985) mostram que o número crescente de pesquisas tem sido acompanhado de sucessivas mudanças de paradigmas, com repercussões no modo como os investigadores conceptualizam e investigam estes processos em idades mais avançadas.

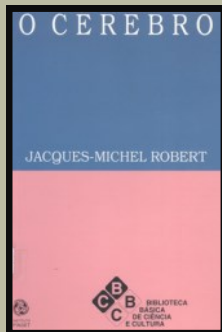
Sem termos a pretensão de sermos exaustivos - o elevado número de pesquisas, a não concordância dos resultados e as sucessivas mudanças de paradigmas não o permitem -, iremos abordar os princípios resultantes dos encontrados em pesquisas que se fundamentam em diversas conceptualizações de memória humana... (pp. 60,61)



Piaget, Jean. (1978).
Biologia e conhecimento. Porto: Rés.

Cota: 159.9 PIA | N.º de registo: 2030

É por isto que a noção de «memória» é de facto muito equivocada. Em psicologia humana o termo abrange um certo número de processos cujos extremos são os seguintes. A forma mais elementar é a da memória de simples «reconhecimento» em presença do objeto percebido sem evocação na sua ausência. Ora, o reconhecimento perceptivo é função de um esquema sensório-motor, que pode constituir-se na ocasião simplesmente do reaparecimento do objeto percebido (o que marca pelo menos um princípio de hábito) mas que é em geral um esquema de hábito propriamente dito: todo o hábito supõe, de facto, reconhecimento de índices e de situações, donde o seu estreito parentesco com o reconhecimento e o seu carácter parcialmente amnésico (fala-se ainda, a este respeito, de memória motora ou memória-hábito). No outro extremo utilizamos o termo memória de «evocação» para designar a capacidade de evocar... (p. 178)

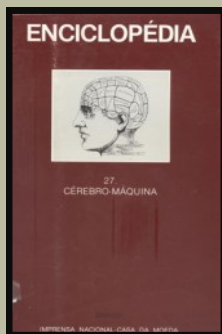


Robert, Jacques-Michel (1996).
O cérebro. Lisboa: Instituto Piaget.

Cota: 159.9 PIA | N.º de registo: 2030

A memória é «essa tecedeira neuronal teimosa [que] ata e desata ao mesmo tempo os fios da vida e de conhecimento, que formam a trama do tecido humano» (Bernard Schott, 1988). Como uma cidade após um incêndio ou um navio após o naufrágio, os amnésicos perderam os seus arquivos. Vêem, ouvem, falam, deslocam-se, mas já não reconhecem nada do que os rodeia e afastam-se, por vezes do espetáculo proporcionado por um espelho que lhes devolve a imagem do corpo e da própria biografia, de que se desinteressam.

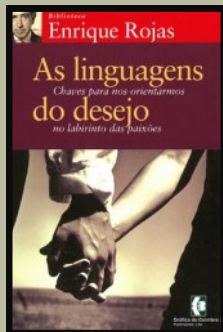
Não existe em parte alguma do encéfalo um centro único que seja específico da memória. Assim, ainda há muito para descobrir, quanto mais não seja o lugar para onde fugiram todas as nossas primeiras recordações. Façam esta experiência fácil e perguntem a quem estiver na vossa companhia: «Qual o acontecimento mais antigo... (pp.40-41)



Romano, Ruggiero. (1993).
Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Impr. Nac.-Casa da
Moeda

Cota: 159.9(031) ENC | N.º de registo: 7633

A classificação convencional da memória humana faz-se distinguindo-se entre a memória a curto e a longo prazo. A figura 37 ilustra esses conceitos servindo-se de um diafragma de fluxo. A informação entra na memória a curto prazo pelo sistema sensorial; ela pode ser conservada no reservatório a curto prazo graças à repetição e, em certas condições ainda pouco claras, é transferida para uma espécie de depósito a termo mais longo. É muito mais fácil descrever a memória a curto prazo do que a memória a longo prazo, mas não é difícil avaliar as diferenças de um modo intuitivo: toda a gente já experimentou a procura distraída de um número de telefone e a subsequente necessidade de observar novamente o número: naturalmente as recordações no depósito a longo termo asseguram a estabilidade da nossa existência individual e determinam as modalidades com base nas quais interagimos com o mundo... (p. 214)

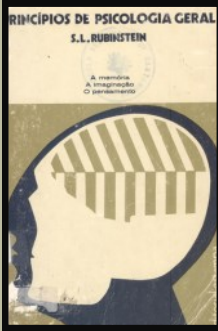


Rojas, Enrique.(2005).
As linguagens do desejo. Coimbra: Gráfica de Coimbra
2 Publicações.

Cota: 159.9 ROJ | N.º de registo: 12236

Seja como for, tanto na felicidade como no desejo, os três períodos da intemporalidade, *passado-presente-futuro* têm uma incidência particular. A sua marca deixa uma estela em cada circunstância.

O passado é o arsenal ao qual deitamos mão para actuar. Dele faz parte a experiência da vida. As vivências acumulam-se e sobrepõem-se umas às outras formando um amontoado de factos. A memória classifica-as e ordena-as. Hoje sabemos muito sobre o seu funcionamento e como obedece a leis que sistematizam o modo como vai acumulando tudo o que lhe chega. O homem é um ser histórico. Tem uma biografia concreta que retrata o que lhe foi acontecendo na vida. Contamos com um passado para bem e para mal. Uma pessoa madura assumiu e digeriu o passado com tudo o que ele significou... (pp. 55-56)

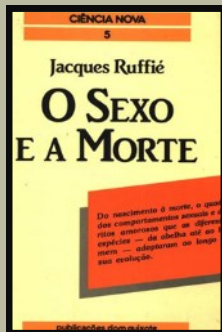


Rubinstein, S. L. (1973).
Princípios de psicologia geral. (2.^a ed.) Lisboa: Estampa.

Cota: 159.9 RUB | N.º de registo: 2586

A reprodução de imagens sensíveis perceptíveis conduz à formação de novas configurações físicas específicas: as representações. A representação é imagem de um objecto baseada na nossa experiência passada. Enquanto a percepção nos proporciona apenas uma imagem do objecto pela presença directa do mesmo, a representação é a própria imagem do objecto reproduzido sob a precedente influencia sensorial quando o referido objecto não existe já directamente. É preciosamente nesta relação distinta de objectos e fenómenos da realidade que reside a diferença fundamental entre a representação e a percepção.

Do modo que as percepções, inclusivamente as mais correntes, são ilustrativas, são imagens. Comparadas com a percepção, as representações caracterizam-se, regra geral, por uma menor precisão, embora esse grau de precisão possa diferir bastante... (p.18)

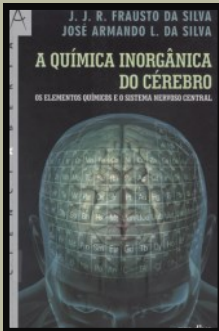


Ruffié, Jacques. (1987).

O sexo e a morte. Lisboa: Dom Quixote, 1987.

Cota: 159.9(031) ENC | N.º de registo: 7633

Conservei na memória os últimos momentos dos meus avós maternos, falecidos com poucos meses de intervalo, na nossa casa (que fora primeiro sua) as visitas, as cerimónias, o carro mortuário puxado por dois cavalos com atavios pretos. E a subida a pé, da igreja ao cemitério, com o cortejo de parentes e amigos. Senti muita tristeza - a tristeza que sentimos aos doze ou treze anos - mas também um certo medo. Durante muito tempo não ousei entrar sozinho no antigo quarto dos avós. Pelo contrário, uma visita ao cemitério, onde íamos todos os domingos depor flores, tranquilizava-me. A minha mãe pôs luto durante um ano, ao passo que os meus irmãos e eu não assistíamos a nenhuma cerimonia festiva: baptizados, casamentos, festas da paróquia, etc... (p 247)



Silva, João & Silva, José (2008).
A química inorgânica do cérebro: Lisboa: Gradiva.

Cota: 50 SIL | N.º de registo: 11856

Tentando reunir e conciliar as classificações de vários autores podemos distinguir os seguintes tipos de memória:

Memórias de curta duração

a) Memória de curta duração propriamente dita – memória limitada a poucos itens e conservada de alguns segundos até, no máximo, um minuto.

b) Memória de trabalho («working memory») - memória curta, conservada durante um período de tempo reduzido mas suficiente para ser possível trabalhar conscientemente sobre ela.

Memórias de longa duração - memórias conservadas por tempo ilimitado permitindo reter o significado de palavras ou frases e as capacidades físicas adquiridas (por exemplo, andar de bicicleta), mas torna-se menos confiável com a idade... (pp.73-74)



Smith, Frank. (1990)
Pensar. Lisboa: Inst. Piaget.

Cota: 159.9 SMI | N.º de registo: 11211

«Naturalmente, a memória por vezes deixa-nos ficar mal. Nem sempre somos capazes de recordar aquilo que queremos recordar. Esquecemo-nos do nome de uma pessoa conhecida que gostaríamos de recordá-lo; esquecemo-nos do sítio onde deixamos as chaves do carro; não somos capazes de nos recordar como se escrevem muitas palavras; esquecemo-nos de parar numa loja para comprar as mercearias que queiramos comprar. Porém, todas estas exceções não são necessariamente uma falha de memória. Recordamo-nos que não somos capazes de recordar nomes e ficamos confusos. Recordamo-nos de todos os sítios onde podíamos ter deixado as chaves do carro e estes obscurecem o sítio onde realmente as deixamos. Recordamo-nos de como se escrevem corretamente palavra problemáticas, mas também nos recordamos como se escrevem incorretamente, e ainda não aprendemos a distinguir as duas maneiras... (pp.63,64)

LIVESCIENCE

NEWS · TECH · HEALTH · PLANET EARTH · SPACE

[Live Science](#) > [Health](#)

Reference:

Memory Definition & Types of Memory

By Kim Ann Zimmermann, Live Science Contributor | February 27, 2014 12:33am ET

f

282

t

53

g

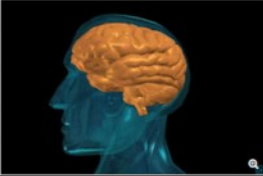
18

u

78

j

111



For us to recall events, facts or processes, we have to commit them to memory. The process of forming a memory involves encoding, storing, retaining and subsequently recalling information and past experiences.

Live Science

ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA

[THE NEWS](#) · [SPOTLIGHT](#) · [DEMYSTIFIED](#) · [QUIZZES](#) · [GALLERIES](#) · [LISTS](#) · [ON THIS DAY](#)

CONTENTS

PAGE 1 OF 5

Memory

PSYCHOLOGY

roduction

ve-dependent

ects of memory

aking memory

g-term memory

rieval

earning

obiographical memory

itness memory

getting

erence

allenges to interference

ory

nesia

Memory

PSYCHOLOGY

WRITTEN BY: Benton J. Underwood

LAST UPDATED: 1-29-2016 See Article History

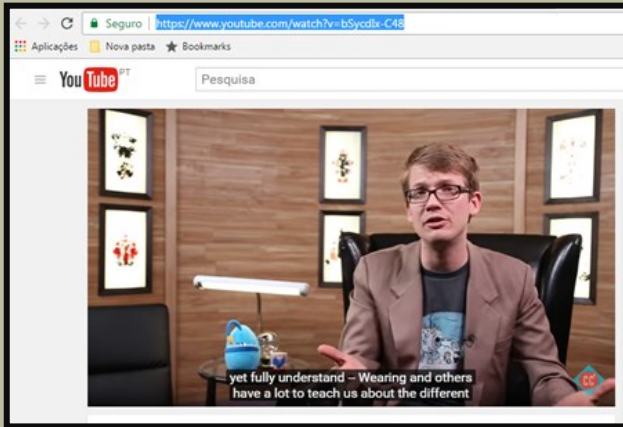
Memory, the encoding, storage, and retrieval in the [human mind](#) of past experiences.

The fact that experiences influence subsequent behaviour is evidence of an obvious but nevertheless remarkable activity called remembering. Memory is both a result of and an influence on perception, attention, and [learning](#). The basic pattern of remembering consists of attention to

ENCYCLOPÆDIA
BRITANNICA

ONLINE | CLIQUE NAS IMAGENS PARA ACEDER ÀS PÁGINAS





Crash Course



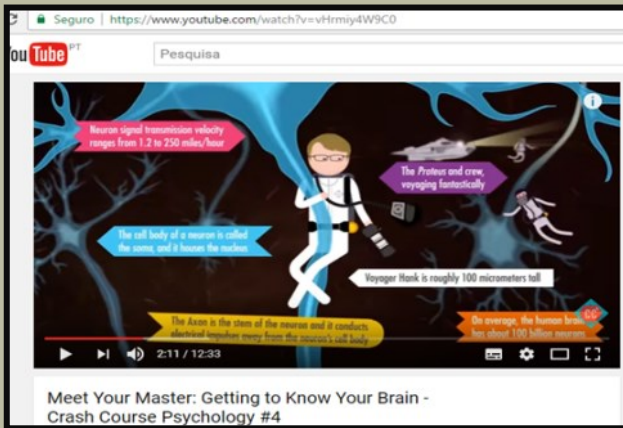
Crash Course

ONLINE | CLIQUE NAS IMAGENS PARA ACEDER ÀS PÁGINAS





The Human Memory



Crash Course

ONLINE | CLIQUE NAS IMAGENS PARA ACEDER ÀS PÁGINAS



Ψ